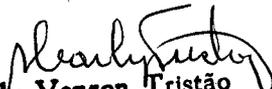


JULIANA TRUGILO MAY

PENSANDO O HOMEM NO CASAMENTO
A PARTIR DA SEPARAÇÃO CONJUGAL

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Serviço
Social da Universidade Federal de Santa
Catarina para obtenção do título de
Assistente Social, orientado pela Profa.
Dra. Regina Célia Tamasso Mioto.

Aprovado Pelo DSS
Em 02/12/96


Masly Venzon Tristão
do Depto. de Serviço Social
CSE/UFSC

FLORIANÓPOLIS
1996

*"Se soubéssemos o que o amanhã
traria, não precisaríamos de novos
sonhos esperanças ou planos.
Mas o amanhã é uma pergunta sem
resposta, um novo desafio para
enfrentar, uma nova aventura
para ousar."*

(autor desconhecido)

Dedico este trabalho:

– A meus pais, Alair e Célia, que no decorrer de minha vida acadêmica me apoiaram e incentivaram com muito amor e dedicação. Sem vocês eu não teria chegado até aqui.

– Aos meus irmãos, Gonzalo e Karin, pelo carinho, compreensão e amizade nesta caminhada.

– Ao meu noivo, Sandro, que sempre me estimulou, apoiou em todo momento, não medindo esforços tanto para me ajudar, como em saber me esperar e entender o significado desta trajetória. O meu obrigado pelo nosso grande amor, compreensão e amizade.

Valeu! Esta vitória também pertence a vocês.

AGRADECIMENTOS

À orientadora, profa. Dra. Regina Célia Miotto, tanto pelo acompanhamento da minha formação acadêmica, como pela dedicação e auxílio na elaboração deste trabalho.

Ao EMAJ, pela viabilidade de experiência prática nessa instituição; aos funcionários e estagiários de Direito, que foram importantes o processo por mim percorrido.

Aos usuários, pela possibilidade de exercício de nossa prática profissional.

A minha amiga especial, Cláudia Patrícia Rosal, pelo companheirismo e amizade, afeto que se manifestaram nesse período. Como foi importante e gratificante estar ao seu lado nos momentos difíceis, e também nas conquistas e alegrias!

A minha amiga especial de todas as horas, Daniela Lavratti, pela amizade, carinho e compreensão em todos os momentos significativos da minha caminhada.

Às estagiárias do Serviço Social, pelo fortalecimento e crescimento que tivemos juntos, e também à Assistente Social Vilma de Oliveira Schneider, pela colaboração e incentivo a mim prestados.

Ao Pet/Serviço Social, pela habilidade, dinamismo e criatividade com que ele contribuiu para minha formação. À tutora e profa. Catarina Maria Schimckeler, pelo carinho e a confiança em mim depositados.

A minha futura cunhada e amiga, Vanessa Rosar Mattos Dias, pelo carinho, estímulo e amizade nas horas difíceis e boas e ao Edson, pelo apoio.

Aos meus futuros sogro e sogra, Sérgio e Maria, e ao meu cunhado Rafael, pelo carinho.

Ao meu querido avô Miguel (in memoriam) e a minha querida avó Auréa, pelo amor e a viabilidade dos seus princípios em minha vida.

A meu tio Zezinho e a tia Jaci, pelo apoio e carinho durante meu percurso.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	8
CAPÍTULO 1 – O HOMEM NA CONTEMPORANEIDADE	11
1 Introdução	11
2 A relação homem-mulher	15
3 Identidade masculina	23
4 O homem e a paternidade	27
CAPÍTULO 2 – O HOMEM NA PATERNIDADE E CONJUGALIDADE – APRESENTAÇÃO DOS CASOS	35
1 Introdução	35
2 Os sujeitos do estudo	35
3 Apresentação dos casos	37
4 Descrição dos casos	39
4.1 Casal A (A.P. e J.L.).....	39
4.1.1 O pedido de separação.....	39
4.1.2 O início da relação	40
4.1.3 O relacionamento conjugal	40
4.1.4 A filha na vida do casal	42
A decisão de guarda	43
4.1.5 A relação do casal com a família de origem	45
4.1.6 O lazer na vida do casal	47
4.2 Casal B (E.S. e J.S.)	49
4.2.1 O pedido de separação	49

4.2.2 O início da relação	50
4.2.3 O relacionamento conjugal	50
4.2.4 A filha na vida do casal	56
4.2.5 A relação do casal com a família de origem	59
4.2.6 O lazer na vida do casal	60

**CAPÍTULO 3 – OS IMPASSES DO HOMEM NA PATERNIDADE E NA
CONJUGALIDADE**

1 Introdução	62
2 A conjugalidade	62
3 A paternidade	70

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....

77

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

80

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

84

APRESENTAÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso está relacionado à nossa experiência prática realizada no Escritório Modelo de Assistência Jurídica – EMAJ/UFSC, como estagiária de Serviço Social, no período de março de 1995 a julho de 1996.

O EMAJ presta atendimento jurídico e gratuito à população carente residente da Comarca de Florianópolis, que tenha renda mensal de até três salários mínimos, e proporciona o exercício da prática profissional a alunos dos cursos de Direito e de Serviço Social da UFSC.

O Serviço Social atua principalmente na área da família, intervindo nos casos de separação conjugal, guarda e pensão alimentícia, etc., objetivando aos usuários orientação e esclarecimento a respeito e amenizando os problemas encontrados nessas situações.

Nesse sentido foi possível observarmos, no decorrer de nossa prática, que na sua grande maioria os casos estudados se relacionavam com a separação conjugal. Pudemos observar que o momento em que os casais estão passando pelo processo de separação permite avaliarmos as formas gritantes relacionadas à crise conjugal.

Sendo assim, a partir desse contexto ficam evidentes alguns aspectos referentes à questão masculina, diante de cuja realidade começamos a nos questionar e levantar hipóteses, em relação ao tema escolhido para o trabalho.

A escolha do assunto para nosso trabalho ocorreu por termos evidenciado que os trabalhos de conclusão de curso, em geral, não estudam especificamente esse tema, porém direcionam suas análises mais para a questão da mulher.

Nosso estudo optou caminhar pelo viés da conjugalidade e da paternidade, dada sua importância, e por também rebater significativamente nos problemas dos homens atualmente. Assim, é nosso objetivo contribuir com nosso estudo, esperando poder oferecer algumas respostas que, no cotidiano, ficam obscurecidas.

Nosso estudo está estruturado em três capítulos.

No primeiro capítulo, **O homem na contemporaneidade**, apresentamos uma revisão teórica da relação homem-mulher, da identidade masculina e do papel do homem na paternidade.

No segundo capítulo, **O homem na paternidade e conjugalidade – apresentação dos casos**, serão apresentados os estudos de caso.

No terceiro capítulo, **Os impasses do homem na paternidade e na conjugalidade**, enfocamos a análise dos casos; analisaremos os casos apresentados a partir do referencial teórico do primeiro capítulo.

Dessa maneira, almejamos contribuir para reflexões e para a compreensão da questão masculina na sociedade familiar.

CAPÍTULO 1

O HOMEM NA CONTEMPORANEIDADE

1 INTRODUÇÃO

As mudanças sócio-econômico-políticas ocorridas na sociedade ocidental, do final do século XIX em diante, repercutiram profundamente na estrutura da família.

Da família monogâmica patrilinear, baseada na autoridade do homem e na transmissão hereditária de bens a filhos certos e legítimos, chegou-se à família nuclear, que, embora monogâmica, baseia-se na “igualdade” entre os sexos e na prescrição de uma relação amorosa entre pais e filhos.

A igualdade entre os sexos faz parte da Constituição brasileira, no seu artigo 5, inciso I: “Homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações”.

As mudanças ocorridas na estrutura familiar encontram-se diretamente relacionados às ocorridas no âmbito da relação homem-mulher. Como sabemos, essa relação está no centro das relações familiares. Por exemplo, com as pesquisas antropológicas de Lévi-Straus sobre estruturas elementares do parentesco, aprendemos que o tabu do incesto é uma regra de reciprocidade por excelência. E é o ponto principal de regulação das relações homem-mulher. O

casamento monogâmico foi instaurado a partir das descobertas da relação existente entre o ato sexual e a procriação. Atualmente as mudanças que ocorreram entre homens e mulheres é que parecem estarem dando o *tom* nas novas formas de convivência familiar (CANEVACCI, 1981).

No Brasil essas mudanças ocorrem especialmente a partir da segunda metade deste século, com a modernização da sociedade brasileira.

Para GOLDANI (1994), a família dos anos 90 está exposta e vulnerável, pois cada vez mais as mudanças de comportamento obrigam tanto os homens quanto as mulheres a redefinirem sua posição. Segundo a autora (1994, p. 8): “A rapidez e níveis das mudanças gerando um contexto novo de oportunidades e necessidades sociais, responderiam pela aceitação de valores e confrontos intergeracionais, que ultrapassam as expectativas.”

Os processos de mudanças, entretanto, indicam uma diversidade de arranjos familiares que se estão constituindo. Há uma profunda reflexão sobre o papel masculino na sociedade, decorrente da profunda transformação do contexto social e familiar, e descrédito de valores, normas e condicionamentos impostos ao indivíduo neste fim de século.

Para PEREIRA (1996, p. 1), “Estamos vivendo neste último século uma crise de valores que repercute na crise dos indivíduos. A transição da modernidade é marcada pela falência dos discursos, uma reformulação nos valores masculinos femininos na família, maternidade e conjugalidade”.

A conquista da modernidade, no final do século XVIII, e a emancipação do indivíduo estavam ligadas à confiante e orgulhosa individualidade. Essa, porém, logo depois associou a solidão do indivíduo e sua crise ao sentimento de identidade. Assim, a crise de identidade masculina provavelmente reflete a idéia de desconstrução do masculino, que está relacionada com a própria modernidade (NOLASCO, 1995).

Para (BADINTER, 1993), é a partir dos anos 70 que a questão da identidade masculina começa a ser questionada. Através de vários movimentos sociais, dentre os quais o das mulheres, que sempre lutaram contra os papéis tradicionais e os contestaram. Os Estados Unidos inauguraram as discussões sobre o papel masculino ideal na sociedade, porém, foi nos anos 80 que se destruiu o modelo, num momento de tensão e incertezas; ou seja, o homem tornou-se um problema a ser resolvido. Nesse sentido, a autora assinala que o tornar-se masculino não está dado apenas pela diferença primeira da fórmula cromossômica XY, ao contrário, envolve fatores psicológicos, sociais e culturais.

Para ela, não basta ter o cromossomo Y, ou os órgãos sexuais de homem, para se afirmar se determinado indivíduo é ou não macho humano. O cotidiano nos mostra que a masculinidade é conquistada por meio de inúmeras exigências e de uma árdua luta, que se contrapõem à feminilidade, considerada como natural. Por exemplo, dificilmente escutamos alguém dizendo para uma

mulher “Seja mulher”. Ao contrário, os homens ouvem freqüentemente a ordem “Seja homem, menino”.

TOLSON apud NOLASCO (1995, p. 11) também assinala a importância dos fatores culturais, dizendo que

O papel masculino que uma sociedade sexista impõe ao homem é uma imagem de machismo e de virilidade muitas vezes tão mutilada para o homem como a imagem da feminilidade para a mulher. Por isso, a possibilidade de um movimento de libertação dos homens liga-se a uma tomada de consciência, por parte destes, das limitações que lhes são impostas pela sua própria sociedade sexista.

Nessa mesma direção (NOLASCO, 1995) nos diz que os homens perceberam a opressão social que as mulheres sentiram, compreenderam-na e se identificam e reconhecem nos níveis de opressão a que estão sendo submetidos. “Nesse sentido, procuram compreender as razões que os fizeram adotar um padrão de comportamento a que obedecem cegamente. Como consequência, os homens reproduzem os valores de um modelo social que os tutela e controla seus desejos” (1995, p. 18).

É nesse contexto contemporâneo que os homens estão revisando seu modelo, ou seja, sua própria condição masculina. Essa revisão passa por três pontos fundamentais, que são a reestruturação da relação homem-mulher, a nova configuração da identidade masculina e a nova configuração da paternidade.

2 A RELAÇÃO HOMEM-MULHER

Sabemos que nem sempre o casamento e a relação¹ homem-mulher foram colocados como ponto de felicidade, amor e paixão, mas, ao contrário, como dever, abnegação, submissão, humilhação e procriação. Essa é a visão que freqüentemente se tem do casamento. (PORCHAT, 1992; D'INCÃO, 1992; MEDINA, 1990).

Historicamente, de acordo com HELLER (1987), no final do século XVIII a história da civilização foi marcada pela partilha entre a sociedade civil e o Estado. E nessa época a situação das mulheres na família era de extrema desigualdade, pois era somente na família que a mulher obtinha espaço de participação, sendo excluída das decisões sociais e políticas, pois essas áreas somente se destinavam aos homens.

Estes consideravam a família com extrema importância; era nela que a mulher desempenhava atividade econômica, contribuindo não somente no aspecto financeiro, como também na parte afetiva. Outra função exclusiva da mulher eram os cuidados com a saúde da família, dos enfermos e dos idosos.

A família era considerada algo precioso, um lugar que perpassava segurança; era nela que o indivíduo encontrava atenção, carinho e respeito, e nela

¹ Entendemos que a palavra *relação* em nosso estudo está direcionada à ligação, vinculação, convivência, ou seja, ao conhecimento recíproco entre pessoas.

podia manifestar-se positivamente ou negativamente sobre as sensações sofridas no mundo externo.

HELLER (1987, p. 10) comenta que

Por mais de um século - muitas famílias, até os nossos dias - foi prerrogativa exclusiva do homem receber da família proteção, amor, participação, controle da agressividade e reveses, o que condicionou, e continua a condicionar, o papel feminino e, algumas vezes, até mesmo das crianças da “casa”.

A posição da mulher nessa relação esposa-marido era marcada por uma devoção ao esposo; ou seja, ela era aquela mãe que mudava a sua identidade e personalidade a qualquer momento, para satisfazer ao marido e aos filhos; portanto, à família.

O aparecimento da sociedade civil prometeu a legitimação da luta pela igualdade entre os sexos e a própria liberação, as possibilidades e sonhos da mulher.

HELLER (1987, p. 13) afirma: “A sociedade civil reconhece todos os cidadãos como pessoas e não mais como simples membros de uma comunidade qualquer. As mulheres, que ficaram vinculadas à única comunidade que lhe é atribuída, a família, podiam reentrar na estrutura geral da sociedade”.

A partir do momento em que todas as pessoas são consideradas cidadãos, as mulheres também precisavam ser reconhecidas como tal. Assim, o movimento feminista iniciou uma luta para que as mulheres tivessem seus

direitos assegurados pelo Estado; no século XX as mulheres venceram a luta, obtendo o direito à cidadania.

Depois da conquista de seu espaço na sociedade, a mulher perdeu certas funções na família e o Estado, preocupado com o bem-estar social do cidadão, criou instituições para darem conta dessas funções anteriormente destinadas à mulher. Na modernidade, o *status* social da família e a relação homem-mulher foram gradativamente modificados, devido à divisão entre o Estado e a sociedade civil, o mercado e a industrialização.

O casamento, uma instituição-chave na estruturação da família, merece destaque especial no estudo das relações homem-mulher.

A partir do século XX, no Brasil, ocorrem mudanças sociais que se refletiram significativamente na ordem familiar e, posteriormente, no sistema de alianças. Esse período se caracteriza pela escolha matrimonial, com base no amor, e a escolha dos parceiros deixa de ser papel da família (TRIGO, 1989).

Assim, o casamento burguês mantém-se no início deste século, e identifica-se com a família conjugal, ou nuclear urbana. Sua finalidade não são interesses políticos ou propriedades, mas amor, afeto, impulsos sexuais e a busca pela felicidade (PORCHAT, 1992). Para essa autora, o casamento tradicional e o moderno assumem características diferenciadas quanto à duração, à intimidade da relação entre o casal, às diferenças dos papéis masculinos e femininos e às expectativas sobre o projeto de vida dos cônjuges. Cada um deles assume sua

maneira de ser e percebem-se as diferenças quanto aos valores, costumes, cultura, sexo, crenças, etc., de cada um.

Nesse contexto cabe salientar que o casamento tradicional se caracterizava pela indissolubilidade do matrimônio, com as relações direcionadas ao desempenho de papéis definidos para o homem e para a mulher, não se exigia da mulher ser uma amante eficaz, mas somente uma mãe devotada, enquanto ao homem era permitido vivenciar momentos de prazer fora do casamento. A vigilância sobre a questão da virgindade e sobre a sexualidade da mulher fazia parte do domínio do homem.

O marido, o pai, era o protetor e o provedor da família; ou seja, era ele quem controlava as decisões do lar. A esposa, a mãe, era um ser dócil e prático; seu projeto de vida estava baseado na família e nos filhos.

Ainda segundo PORCHAT, na década de 60 e 70 o casamento moderno evidenciava-se pela transitoriedade de papéis. Casava-se pensando que, caso ocorresse algo de errado, seria possível a separação, sendo também freqüente a coabitação.

As relações estavam condicionadas a questões emocionais, psicológicas e sexuais. Nesse sentido, havia uma comunicação e intimidade entre os cônjuges e ao mesmo tempo exigia-se a individualidade de cada um. Os papéis não estavam definidos, quanto ao sustento do lar e aos cuidados dos filhos; tanto o marido como a esposa poderiam assumir tal tarefa.

Segundo PORCHAT (1992, p. 115),

Quanto ao homem, liberado agora para assumir sua fraqueza, posto que não mais necessita de ser protetor e forte, ele vê-se muitas vezes confuso diante dessa nova perspectiva. Ainda quase sempre educado à maneira tradicional, lhe são pedidas, no casamento, atitudes de igualdade e prioridade para o emocional na integração do casal.

Em relação ao projeto de vida dos cônjuges, ele estava direcionado essencialmente para a realização dos sonhos pessoais.

Nesse contexto a individualidade, característica do casamento moderno, tornava-se um elemento decisivo no comportamento social. (D'INCAO 1992 e SCHNEIDER, 1995).

As conseqüências dessa individualidade, segundo SCHNEIDER (1995, p. 18), referem-se à

introdução de uma outra perspectiva de análise para o casamento, ou seja, coloca a questão da afetividade como um aspecto importante ao casamento moderno como: companheirismo, cuidados mútuos, reciprocidade e prazer. Essas são pois as dimensões inerentes ao “casamento moderno”, sem as quais, dificilmente uma união poderá ser estabelecida.

Havia, no entanto, uma transformação no comportamento da família, considerado um fio condutor para as mudanças ocorridas. Percebe-se que o casamento não ficava restrito somente a um momento histórico, e sim que se ia alternando de acordo com sua época, diferindo os costumes, valores, crenças, etc.

TRIGO (1989, p. 92) comenta que:

O amor de cada indivíduo está referido à sua época, à cultura do seu grupo social e só essas referências poderão instrumentá-lo na expressão do seu amor, vale dizer as pulsões individuais só podem se realizar tomando formas próprias de determinada cultura; só podem ser perceptíveis através da palavra e das imagens que essa cultura oferece.

Em consonância com os autores citados, TAUBE (1992) destaca pontos fundamentais para se estabelecerem no casamento: a sexualidade e a afetividade. Para SCHNEIDER (1995, p. 18),

... a existência desses fatores (afetividade e sexualidade) nos torna suscetíveis a valores e expectativas de amor e proteção, independente da classe social. Por isso não se deve, em nome dos preconceitos, imaginar que devido à condição social, somos mais ou menos afetados.

Apesar das mudanças ocorridas pelas conquistas legais de igualdade, as vivências cotidianas da relação homem-mulher ainda trazem consigo ideais de representações do passado.

Nesse sentido, destacamos como significativa a questão de o homem ainda ser considerado o centro da família e mediador do mundo externo. Com isso pode-se observar que as relações homem/mulher se fazem a partir de um “casamento ideal”, acoplado a um projeto de família em que estão também definidos o papel de pai de família e de mãe e dona de casa; ou seja, de um

padrão ideal de papéis. O papel masculino se identifica com o de provedor de sua casa, de autoridade e de moral perante os membros da família (SARTI, 1994).

Segundo essa autora (1994, p. 47):

Para constituir a “boa” autoridade, digna da obediência que lhe corresponde, não basta ao homem pegar e botar comida dentro de casa e falar que manda. Para, mandar, tem que ter caráter, moral. Assim o homem quando bebe, perde a moral dentro de casa. Não consegue mais dar ordens. Perde o respeito que se mescla com o ganho econômico para compor a autoridade paterna.

Assim, a relação homem-mulher é permeada por uma relação complementar, em que cada um tem sua função: o homem/chefe de família e a mulher/chefe da casa, cada qual desempenhando seu papel de autoridade no casamento.

Muitas vezes não é possível se estabelecerem tais papéis, devido às próprias mudanças dos papéis na sociedade atual e também pelo fato de que, com o processo de pauperização (desemprego), os homens não conseguem dar conta do papel de provedor da família. Assim, eles passam para uma situação vulnerável, pois dependem de condições externas para exercê-lo, cujas determinações fogem ao seu alcance.

Nessa perspectiva ocorre o deslocamento das figuras masculinas e femininas, fator decorrente quando a mulher assume o papel de provedora do lar. Nessa situação ocorrem

modificações importantes no jogo de relações de autoridade e efetivamente a mulher pode assumir o papel masculino de “chefe” (de autoridade) e definir-se como tal [...] Esse deslocamento de papéis familiares não significa uma nova estrutura, mas responde aos princípios estruturais que definem a família entre os pobres, a hierárquica homem/mulher e a diferenciação de papéis sexuais com a divisão de autoridades que a acompanha (SARTI, 1994, p. 48-49).

Para a autora, esses deslocamentos não se configuram como problema, mas atingem sobremaneira o que se designa como figura masculina. No contexto familiar foi observado que, quando as mulheres assumem o papel de “chefe de família”, conseguem auxílio na rede familiar mais ampla, constituída pelas irmãs, avós, etc. Outro fator destacado por SARTI (1994) é de que, apesar das mudanças, o casal também não perde os vínculos com a família de origem; percebe-se que esta possui várias formas de influenciar nas decisões do casal.

Vale enfatizar que os relacionamentos conjugais sofrem também influência dos aspectos econômicos, sociais e culturais, os quais acabam sendo refletidos na dinâmica do casal, que poderá sofrer transformações.

A relação homem-mulher, entretanto, pode estabelecer-se entre outras formas pelo casamento, e a partir dele surgem vários determinantes que estão imbricados uns nos outros, desde os modelos de casamentos, até questões como sexualidade e afetividade.

O casamento, contudo, passa por um momento difícil, com a mulher no mercado de trabalho, com a aprovação da lei do divórcio e o Estado apoiando a educação dos filhos; a família se debate com novas exigências.

Hoje pode-se dizer que se vive uma situação contraditória na relação homem-mulher, porque, ao mesmo tempo em que há grandes mudanças, há situações que mostram o quão as pessoas encontram-se ligadas ao passado. As profundas transformações nas relações homem-mulher remetem à nova configuração da identidade masculina.

3 IDENTIDADE MASCULINA

Nos últimos cinco anos, os meios de comunicação, inclusive no Brasil, têm-se encarregado de levantar diversas questões referentes ao comportamento dos homens, o que leva todos à conclusão de que está ocorrendo uma mudança e os homens passam a ter “autorização social” para começarem a participar de atividades anteriormente vistas como femininas. A partir desse reconhecimento os homens entram em contato com situações cotidianas e sensações que antes lhe eram barradas (NOLASCO, 1995).

Para este autor, a discussão sobre o tema é visível a partir do anos 60; com o movimento de *hippies* começam a aparecer os sinais de uma “mistura confusional” de papéis e das identidades, tanto masculinas como femininas. Segundo ele, o movimento *hippie* foi uma tentativa de reparação do modelo social e da identidade para os sexos. Assim, o movimento de contracultura fez os homens se reverem e encaminharem seus debates em relação à necessidade de

libertação das amarras da repressão da sociedade, à ampliação da consciência de si e à compreensão de diferentes formas da realidade social e subjetiva (NOLASCO, 1995).

O movimento das mulheres foi exemplo claro desse tipo de mudança; a partir das situações vividas socialmente elas transformaram profundamente a sua forma de ser. O mesmo está acontecendo com os homens, neste momento.

Nesse sentido percebemos que foi a mudança das mulheres e as suas contestações que fizeram os homens repensarem o papel que sempre desempenharam: o de poderoso, viril, inteligente e provedor da família. Eles começaram a questionar o modelo perpetuado há milênios, e que ainda vigora em muitas famílias, porém o novo homem está procurando dar espaço para um outro, que ainda está por vir.

Atualmente, no Brasil, existem grupos de homens que se encontram discutindo todas as questões que permeiam a condição masculina. Em vários países aumenta cada vez mais o número de homens que estão procurando caminhos como grupos e terapias, para descobrir, desabafar e entender a própria subjetividade.

Para PEREIRA apud HAMAWI (1996, p. 1), o que incomoda a esses homens, no modelo vigente, é:

a necessidade de mostrar-se forte e capaz; de limitar a expressão dos seus sentimentos; da vivência quase que exclusiva em campos competitivos; de funcionar como servidor da mulher; de ser permanentemente provedor de ocupar-se apenas das “coisas sérias”, como o trabalho, política e etc.; perdendo o contato sensível com o que o cerca - filhos, amigos, natureza; enfrentando a proibição constante de expressões como “fracassei”, “não sei”, “me equivoquei”, “não posso”.

É nesse contexto que os homens estão à procura de um outro modelo para si, tentando compreender as questões profissionais e amorosas; ou seja, procuram uma alternativa que os desvincule do antigo modelo.

Para NOLASCO (1995, p. 38),

Toda esta reavaliação que está ocorrendo na identidade masculina faz com que repensemos o caminho seguido pelos homens em direção à compreensão deles mesmos e ao sentido que formularam para a própria vida a partir dos modelos de masculinidades que lhes serviram de referência, adotados pelo pai e pelo avô. Estes por sua vez mantinham-se distantes afetivamente, posicionando-se diante de filhos e netos como juizes zelosos e preocupados com suas performances na vida.

A problemática da identidade sexual masculina é algo novo. Até o século XIX pensava-se que se podia mudar de identidade sexual sem problemas. Mas, depois das pesquisas de Erik Erikson, percebeu-se que essa mudança de identidade social ou psicológica é extremamente complexa. A formação da identidade masculina, no entanto, passa por muitas dificuldades, desde a concepção de um embrião XY, que luta para não ser feminino, até convencer a si e aos outros que não é uma mulher (BADINTER, 1993).

De acordo com essa autora, não é apenas o desenvolvimento do embrião XY que determina o sexo masculino; ela aponta o próprio olhar dos pais como fator decisivo para isso.

BADINTER (1993) afirma que o menino passa boa parte da sua vida segregada ao universo feminino, ou seja, ao lado da mãe. É ela quem irá determinar os limites nas suas atitudes, tanto sociais quanto afetivas. Mas, ao mesmo tempo, esse menino nega sua subjetividade feminina.

Ao nascer uma criança, todos da família ficam curiosos para saber qual é o sexo, se não há problemas de saúde com o nascituro; depois, com quem ele se parece. Posteriormente, no entanto, os pais sempre depositam no filho esperança de ação e na filha, de recato.

“A diferenciação dos genitais é o ponto de partida para as expectativas de comportamento tanto para o homem quanto para a mulher, bem como por meio deles se desenharão os contornos das subjetividades dos indivíduos” (NOLASCO, 1995, p. 41).

Desde que nascemos, tanto as mulheres como os homens passam por experiências diferenciadas, pois cada qual é estimulado a agir de acordo com padrões estabelecidos pela sociedade. O padrão do macho é definido como aquele que, desde a mais tenra idade, valoriza o sexo, o pênis, como se este fosse o única fonte de prazer, negando assim o lado subjetivo do homem e a capacidade de receber afeto. Todas ações repassadas aos homens desde cedo são

marcadas tanto pela família quanto pela escola, espaços que legitimam a existência de um homem viril, corajoso, esperto, conquistador e forte, sem possibilidade de ser fraco, frágil ou inseguro.

Essa diferenciação de experiências, principalmente no aspecto sexual do homem e mulher, é marcada de acordo com uma determinada cultura e educação, em que estas delimitam o desempenho de papéis de cada um. Por trás desse modelo, porém, os homens estão percebendo um outro, que se mostra frágil, inseguro e fraco.

Finalizando, a questão da identidade masculina se apresenta como algo extremamente complexo nos dias atuais. Os homens, ao contrário de antes, têm buscado um comportamento pautado tanto na autonomia, quanto no desejo de proteção, na insegurança; ou seja, buscam um modelo que reconheça as suas particularidades e a sua condição de ser homem (NOLASCO, 1995).

Nesse sentido, os homens atualmente estão se reestruturando a nível da sua própria condição de ser homem, fator se reflete significativamente na sua condição de pai.

4 O HOMEM E A PATERNIDADE

Para NOLASCO (1995), “ser pai” atualmente se apresenta como primeira característica de mudança no comportamento dos homens. Essa

condição tem sido intimamente debatida, inclusive porque se reflete, nas possibilidades de proteção e afeto das novas gerações.

Por meio do processo de paternizar-se, o homem, além de se inserir socialmente em uma cultura, define-se, constrói o seu modelo de identidade.

Segundo BADINTER (1993, p. 182),

A revolução paternal, hoje apenas perceptível, deverá acarretar grandes perturbações para as próximas gerações e, especialmente, uma nova masculinidade, mais diversificada e sutil. Mas, ela pressupõe relações mais democráticas do casal do que aquelas que hoje conhecemos, o que não depende só da boa vontade dos indivíduos.

Com certeza os homens sempre tiveram autonomia para viver livremente, e agora, revisando os seus conceitos, percebem que nunca tiveram uma representação de si, marcada por uma grande solidão. Com intuito de acabar com a solidão os homens, hoje

procuram um contato diário com seus filhos, e tentam compreender a que se associam as principais ansiedades e angústias que sentem em relação a paternidade se a idéia de pai no Ocidente esteve continuamente associada à imagem perde o sentido para uma outra construída sobre a noção de cumplicidade, prazer e gratidão NOLASCO (1995, p. 35-36).

Pesquisas realizadas sobre o tema têm mostrado a necessidade sentida pelos homens de romperem com aquele modelo autoritário de pai, que sempre foi perpassado de geração a geração, e de criarem maneiras de pai e filho

reencontrarem. Nesse contexto de encontros e desencontros NOLASCO (1995, p. 151) analisa as denominações que sempre foram dadas aos pais:

As denominações bom pai, pai honrado, pai provedor, sobrepostas às evidências do que seja o masculino (expressões da virilidade, iniciativa e objetividade), reforçam a imagem que socialmente se espera de um homem. Assim, o masculino e a paternidade formam um par de reforço mútuo, garantindo e consolidando o modelo de autoridade e de poder a ser desempenhado pelos homens. Se o modelo de pai que está sendo criticado parte do modelo divino, a masculinidade estará a ele associada fortalecendo-o em uma série de contradições visíveis no cotidiano dos homens por meio de ações de um pai que tem de ser provedor do ponto de vista material, e ao mesmo tempo é visto como alguém afastado do cotidiano da criança.

As questões “masculino” e “paterno” estão se refletindo no contexto da relação homem-mulher, sendo um ponto gerador de tensões. Do homem idealizado se espera sempre o melhor, e ainda há uma exaustiva cobrança dele, de “ser macho”, “bom pai”, autoritário e provedor. E eles, muitas vezes sem saber lidar com tal situação referentes ao nascimento da criança, começam a se sentir angustiados e ansiosos; pois esse momento de incertezas, para eles se reflete como de insatisfação no casamento (NOLASCO, 1995).

Este mesmo autor (1995, p. 45) comenta que, em consequência de tal situação, os homens tendem “a buscar relações amorosas paralelas ao casamento, para eliminar esta tensões, que revelam ciúmes, inveja e desejo de ser cuidado como bebê”.

Assim, a família entra em crise, fazendo com que a relação entre pai e filho fique vulnerável ou até hostil, estando a crise econômica atual também contribuindo para uma situação de inseguranças e frustrações.

O momento de instabilidade apresentado foge ao controle do homem, considerado pela família como seu centro. Conseqüentemente, ele fica perdido, sem saber como desempenhar o papel de pai, fator que pode também estar ligado não apenas à crise financeira, mas à sua infância, período em que ele pode não ter recebido o afeto do seu pai, e sim a ausência.

Ao mesmo tempo, no entanto, em que existem pais em uma situação instável, existem outros que cada vez mais estão reforçando o seu comportamento com o filho, fazendo com que essa relação seja desempenhada com prazer, e não como obrigação.

Para NOLASCO (1995, p. 155),

Na gênese da paternidade encontramos a transformação do amor que um homem sente por uma mulher, e se desenvolve sobre sucessivas ampliações deste amor. Para um homem, viver a paternidade fora de um referencial mecânico determinado pela relação sexual é difícil. O desejo de ter um filho marca para um homem uma efetiva possibilidade de envolvimento e entrega, colocando-o fora das fronteiras narcísicas e auto-referentes. Para isso, os homens precisarão transcender a experiência de prazer sexual, transformando-a e a si mesmo.

Nessa situação têm-se apresentado duas saídas: ou esse pai abandona os filhos, ou assume verdadeiramente a paternidade.

Nessa perspectiva tem se buscado construir um novo papel de pai; a partir daí procura-se saber o que é “ser pai”. Para GADOTTI (1987, p. 74-75) isso “Significa confrontar-se com o existir humano, procurar compreender a existência junto com o filho, ao lado dele, com ele. Só a verdade educa, só o confronto educa, só a aceitação do conflito e da contradição da vida humana dão consistência à tarefa de ser pai”.

Para CORNEAU (1991, p. 27),

O pai ajuda o filho a construir uma estrutura interna. Mais especificamente, sua presença vai permitir que a criança, particularmente o menino, tenha acesso à agressividade(afirmação de si e capacidade de defender-se), à sexualidade, ao sentido de exploração, assim como ao *logos*, compreendido como aptidão para a abstração e a objetivação.

O que se torna complicado para um homem, no entanto, é elaborar a função de pai, abandonando a concepção anterior, pois, a partir do momento em que o homem tem um filho, surgirão para ele novas demandas materiais e afetivas e novas formas de prazer, que só irão concretizar-se caso filho e pai fizerem um aliança de cumplicidade (NOLASCO, 1995).

Essa aliança de cumplicidade, porém, às vezes pode refletir-se no sentido negativo do desempenho do pai.

Segundo GARFINKEL (1990, p. 33),

Para o pai, por outro lado, desempenhar o papel de o grande, o maior, o melhor e, algumas vezes, o único do mundo é, embora certamente um reforço para o ego, com frequência uma responsabilidade grande demais. Pressionados pelas obrigações do trabalho e pelo seu próprio condicionamento com filhos, os pais logo se afastam emocional e fisicamente dos filhos como modelos e professores.

Assim, pode-se pensar que a constituição do homem - a questão da paternidade - está relacionada com a síntese de sua própria história, podendo o homem, a partir dessa experiência, diferenciar de tudo que viveu, ou então repetir o que ele viveu na condição de filho-pai (NOLASCO, 1995).

Para GARFINKEL (1990, p. 25),

A relação inicial homem-homem entre pai e filho é um estudo de paradoxos e ambivalências, amor e ódio, laços e barreiras, camaradagem e competição. Contém elementos da velha luta pelo poder e pelo controle; de sentimentos de inferioridade emocional; de respeito revolta; e finalmente, espera-se, de reconciliação.

Nesse sentido, trava-se um conflito entre o pai/fiel, o pai/pai e aquele que deseja ser um filho do jeitinho que era seu próprio pai com ele. É difícil controlar a autoridade em relação à concepção de nascimento, ou controlar aquele pai que aos poucos cede autoridade. Esse é o conflito, confronto e a luta interna do pai, em que vencer é perder (GADOTTI, 1987).

Em relação às várias etapas que constituem a relação entre pai e filho, destaca-se como importante a presença do pai desde a concepção,

principalmente durante os dois primeiros anos de vida do filho, período em que os meninos têm necessidade do pai. Ocorrendo uma relação calorosa e afetuosa entre pai-filho, reforça-se o desenvolvimento da identidade masculina. É a partir desse período que o filho terá noção dos limites e da disciplina; caso, porém, essa relação não ocorra, o filho não terá um modelo para imitar (CORNEAU, 1991).

De acordo com GADOTTI (1987, p. 62),

Presente ou ausente, o pai funda suas relações com o filho no amor que deu origem ao filho. A própria invocada sempre para justificar as atitudes mais severas do pai só tem sentido quando fundada no amor. A própria ausência, quando existe amor, torna-se uma forma sensível, que permeia a lembrança e que se torna saudade.

A partir desse contexto percebe-se que a família está passando por um momento de reflexão e aprendizagem do que seja essa nova concepção de pai. O modelo tradicional de pai não conseguiu dar conta das transformações ocorridas na família; o que se instaura no momento é a busca de um novo modelo de ser pai, baseada no afeto, principalmente, e na própria construção de uma nova relação, em que pai-filho possam se reafirmar como homens e também se encontrarem (MIOTO, 1989).

Como conclusão deste capítulo, é possível dizer o quão a relação homem-mulher, ao longo da história, foi permeada por grandes mudanças que marcaram o desenvolvimento das sociedades, culturas e costumes, etc. Essas transformações são significativas principalmente no campo da identidade

masculina, que está passando por mudanças radicais, na busca de um novo modelo de “ser homem” e de “ser pai”.

Nesse sentido, palco privilegiado dessas transformações tem sido a família, que vem vivenciando especialmente os conflitos referentes à paternidade e à conjugalidade. Para entendermos essas questões que estão ocorrendo no interior das famílias, nós optamos por trabalhar com dois estudos de caso.

CAPÍTULO 2

O HOMEM NA PATERNIDADE E CONJUGALIDADE – APRESENTAÇÃO DOS CASOS

1 INTRODUÇÃO

Tanto a paternidade como a conjugalidade podem ser tomadas como fatores constitutivos da relação homem-mulher. Dentro desse enfoque, que envolve diversidades, implicações e conflitos é possível se lançar um olhar mais aprofundado sobre o cotidiano dos homens e sobre a dinâmica e estrutura do casal.

Nessa perspectiva, apresentaremos a descrição de dois casos atendidos no EMAJ, como ilustração da temática em questão. A metodologia utilizada no trabalho é de estudo de caso, por ser um método de natureza qualitativa, que nos possibilita aprofundar as situações vivenciadas pelos homens no contexto familiar (CHIZZOTTI, 1991).

2 OS SUJEITOS DO ESTUDO

Neste trabalho apresentaremos dois estudos de casos, referentes a dois casais em processo de separação atendidos no EMAJ, a partir dos quais

pretendemos realizar a discussão do problema e levantar algumas hipóteses sobre questões relacionadas à vivência do homem, quanto à conjugalidade e à paternidade, dentro do processo de casamento e separação.

Os critérios de escolha dos casos pautou-se inicialmente pela possibilidade de um acompanhamento sistemático dos casais e da disponibilidade deles para a realização do estudo. É relevante destacar que, inicialmente, os dois casais vieram ao EMAJ com o mesmo objetivo: a separação conjugal. No final, porém, tiveram destinos diferenciados. Um decidiu-se pela separação e o outro resolveu continuar junto.

Para realização dos estudos foram efetuadas entrevistas não estruturadas, numa média de seis com cada casal e com intervalos determinados por eles mesmos.

As entrevistas aconteceram primeiramente com o cônjuge solicitante da separação; posteriormente com o outro cônjuge e, depois, com ambos. Um detalhe a ser observado é que os dois casais, em todo o processo de atendimento, apresentaram dificuldades em estar juntos, sempre procuravam vir separados.

Em relação à documentação das entrevistas, estas eram descritas de memória, após o término de cada atendimento.

3 A APRESENTAÇÃO DOS CASOS

Casal A - Período de acompanhamento: 8 meses

	Esposa	Esposo	Filha
Nome	A.P.	J.L.	A.S.
Idade	19	30	2
Profissão	Servente	Pedreiro	–
Escolaridade	1º Grau	2º Grau	
Tempo de união	2 anos		

A dinâmica das entrevistas

Usuários	A.P. (esposa)	A.P. (esposa) e J.L. (esposo)	J.L.(esposo) e A.S. (filha)	A.P.(esposa), J.L (esposo) e A.S. (filha)	A.P. (esposa), J.L. (esposo) e A.S. (filha) pais da (Sra.A.P) e 2 estagiários de Direito
Número de atendimentos realizados pela estagiária do Serviço Social	04	01	01	01	01

Apesar de a sra. A.P. inicialmente haver solicitado a dissolução da sociedade de fato e o processo de guarda dos filhos, essa situação permaneceu apenas por seis meses, devido ao fato de seu companheiro contornar a situação; depois no entanto com o agravante dos acontecimentos, sr. J.L. mesmo veio solicitar nossos serviços. Assim, o caso foi encaminhado para o casal obter a dissolução da sociedade de fato e o processo de guarda ficou a cargo dos estagiários de Direito.

CASAL B – Período de acompanhamento: 3 meses

	Esposa	Esposo	Filha
Nome	E.S.	J.S.	L.S.
Idade	30	30	5
Profissão	Cozinheira	Garçon	–
Escolaridade	1º Grau	1º Grau	
Tempo de união	10 anos		

A dinâmica das entrevistas

Usuários	E.S. (esposa)	J.S. (esposo)	E.S.(esposa) e J.S. (esposo)
Número de atendimentos realizados pela estagiária do Serviço Social	02	03	01

Uma questão a ser observada é que quem solicitou a separação conjugal foi o sr. J.S., mas o caso não chegou a ser encaminhado para os estagiários de Direito, pois o casal decidiu não se separar.

A partir da descrição dos casos nos propomos a analisar alguns pontos relevantes da história da vida das duas famílias.

4 DESCRIÇÃO DOS CASOS

4.1 Casal A (A.P. e J.L.)

4.1.1 O pedido de separação

A sra. A.P. veio ao EMAJ tendo como objetivo a dissolução da sociedade de fato e o processo de guarda dos filhos, por não suportar mais o convívio conjugal.

O sr. J.L. no início não aceitou as solicitações, tanto por parte esposa, como do Serviço Social. Depois de seis meses, porém, ele resolveu tomar a decisão de ficar com a guarda da sua filha e, assim, nos procurou, juntamente com sua esposa. Ele disse: “A A. ainda não aproveitou a vida, ela é muito nova, eu já aproveitei tudo o que tinha para aproveitar [...] e por isso eu quero cuidar da minha filha. A. é meio desmiolada, não se liga muito nas coisas...”.

Diante dessa situação o casal decidiu buscar seus direitos. O caso primeiramente passou pela triagem (Serviço Social); logo depois nos foi encaminhado.

4.1.2 O início da relação

A sra. A.P. e o sr. J.L. se conheceram por meio do irmão dele, casado com a tia da sra. A.P. No mesmo dia eles já começaram a namorar e, depois de quinze dias, segundo o sr. J.L., a sra. A.P. convidou-o para “fugir”, e ele aceitou. Nessa época ele tinha 28 anos e ela, 15 anos.

No início do relacionamento o casal morou ao lado da casa do seus pais e, segundo a sra. A.P., esse período foi harmonioso. O sr. J.L. relata que “... no início foi bom , nós morávamos do lado da casa dos pais dela, e a A. sempre era atenciosa, eu chegava em casa estava tudo arrumado, o almoço pronto. Nossa, eu não tinha o que reclamar”.

Nessas circunstâncias começou a vida conjugal do casal.

4.1.3 O relacionamento conjugal

A sra. A.P. e o sr. J.L. estavam levando uma “vida boa”, até que o casal ganhou um terreno no bairro Pantanal, onde construíram uma casa e foram morar.

O fato de o casal ir morar no Pantanal tornou-se negativo; tanto a sra. A.P. como seu marido destacam esse momento como de crise no relacionamento. Ela relata: “... Depois que a gente foi morar no Pantanal começaram as

freqüentes agressões [...] e ainda pra ajudar tem uma vizinha que inventa várias coisas a meu respeito e o J. sempre acredita em tudo que a vizinha conta e aí sempre ocorrem as brigas”.

O sr. J.L. assim falou sobre essa situação: “Depois que viemos morar no Pantanal as amizades viraram a cabeça de A. [...] Eu chegava em casa cansado e a casa estava toda revirada, só tinha o almoço pronto, aí nós já brigava”.

Com a freqüência das brigas a sra. A.P. resolveu se separar e foi, com a filha, morar temporariamente na casa de um casal de amigos. Essa situação não permaneceu por muito tempo; seu companheiro pediu-lhe muito para que voltasse para casa pois sentia muita falta da filha. A sra. A.P. aceitou mas com a condição de apenas viverem nas mesma casa, não mais como marido/esposa.

“... Eu voltei para casa e fiz um “pacto” (risadas) [...]. É um pacto: nós decidimos que de quinze em quinze dias eu poderia sair no sábado, e o J. no domingo, e vice-versa, para cuidar da nossa filha”.

A sra. A.P. relatou que “nessas saídas” se envolveu com droga, mas logo em seguida saiu, pois percebeu que não valia a pena. Ela também nesse período assumiu outros relacionamentos, o que deixava o sr. J.L. com muitos ciúmes, porém ela não se importava muito, porque para ela o casamento já tinha acabado. O ciúmes dele já o fizeram até ameaçá-la de morte. Segundo ela, ele nunca a deixará viver em paz.

Devido aos problemas ocasionados pelo casamento, a sra. A.P. levou suspensão no seu trabalho, porque não estava trabalhando bem. Em relação à questão da mulher trabalhando fora, o sr. J.L. deu sua opinião:

... Para mulher é difícil trabalhar fora, eu acho que ela deveria arranjar um trabalho de meio período, e o outro período ela faz o trabalho de casa. Eu acho que há um desgaste no relacionamento, porque a mulher não tem muito tempo para dar carinho para homem. Tem homem que não dá valor para a mulher faz e tem uns que ainda reclamam, eu vejo.

No dia-a-dia a responsabilidade das atividades domésticas era da sra. A.P. mas, segundo marido: "... Eu também lavo louça, varro a casa, troco a menina, mas vai depender da minha vontade".

A situação financeira do casal era estável, pois o sr. J.L. é pedreiro e, segundo disse, ele sempre consegue serviço e, assim, procura dar o melhor para a sua filha.

4.1.4 A filha na vida do casal

O sr. J.L. diz que eles não pensavam no início em ter filhos, mesmo porque ele achava a esposa muito jovem e, segundo ele, ela apresentava um problema no ovário e, para ter filhos, necessitava de tratamento. Ainda segundo ele, o casal, porém, foi influenciado pelos pais da esposa, que queriam muito uma netinha.

Eu não queria ter um filho, mas os pais da A. encheram tanto a cabeça dela e a minha que nós acabamos aceitando a idéia. Aí ela fez o tratamento, mas daí os problemas só aumentaram, porque a A. queria sair, aí ela levava a A. (filha), e a menina ficava doente, com febre [...] A A. era louca, nunca teve responsabilidade de mãe.

O nascimento da filha, de acordo com os relatos, parece ter complicado a relação do casal. O cuidado com a filha passou a ser motivo de inúmeros conflitos. Além disso pudemos observar que, embora a sra. A.P. se mostrasse preocupada com a filha, era o sr. J.L. que mais expressava preocupação com a situação.

A decisão de guarda

Com a decisão da separação, veio a necessidade de se decidir sobre a guarda da sua filha. A sra. A.P. primeiramente decidiu passá-la para seus pais, mas o esposo não aceitou, pois sempre garantiu poder cuidar muito bem da menina. O sr. J.L. disse: “Olha, eu vou dizer uma coisa eu não quero passar a guarda da minha filha para os pais dela, a guarda pode ficar comigo, eu vou arrumar a minha prima para cuidar dela”.

A sra. A.P. não aceitava de modo algum que uma pessoa estranha cuidasse de sua filha e ainda afirmava que o esposo não tinha condições de cuidar da menina, devido ao fato de ele trabalhar o dia todo. O sr. J.L., porém,

disse que irá conseguir alguém para cuidar da filha "... Eu vou chamar uma moça que tem uma filha para ficar lá em casa e cuidar de A.(filha). E quando A.(filha) fizer 3 anos, eu vou colocar ela na creche. A A. nunca quis colocar ela na creche, ela disse que ela não foi e a A.(filha) não precisava disso."

Segundo o sr. J.L., a esposa nunca foi uma pessoa bem educada; ele diz que ela foi criada "meio jogada", e ainda ela fala palavrões na frente da filha e ele não gosta disso, porque a menina é muito esperta e aprende tudo na hora.

A sra. A.P., no entanto, permaneceu dizendo que queria que a filha ficasse aos cuidados de sua mãe, o que deixava o esposo muito irritado com ela, porque ele queria muito ficar com a filha. Ele disse:

Eu até posso deixar, mas quando ela fizer uns cinco anos eu vou pegar ela de volta, porque depois que ela crescer mais ela até pode me ajudar. [...] Eu penso num bom futuro para a minha filha, eu quero que ela estude, quero que ela tenha uma carreira e não seja igual à gente. Eu quero dar o que eu puder para ela, mas a A. nem pensa nisso.

Assim, após várias discussões o casal decidiu que os pais da sra. A.P. ficariam com a menina até ele ter condições de criá-la: a guarda, porém, ficará com ele. "Eu me preocupo com a educação da A. (filha)."

4.1.5 A relação do casal com a família de origem

Desde o começo das entrevistas foi muito comentada a relação entre a sra. A.P. com sua mãe. Observou-se que a mãe era uma figura importante em sua vida; tanto que, em todas as suas decisões, a mãe era lembrada. A sra. A.P. parecia ter um medo muito grande dela mas, segundo a própria sra. A.P., esse medo significava respeito, pois sua preocupação era que a mãe viesse a saber que ela estava deixando sua filha, para assumir outro relacionamento.

Em relação à família do sr. J.L. pouco foi comentado, pois os seus pais já faleceram.

Os pais da sra. A.P., quando souberam que o casal tinha procurado a justiça para resolver o problema da neta, ficaram muito preocupados, pois, segundo eles, tanto a sra. A.P. quanto o sr. J.L. brigam muito. Segundo a mãe “Eles não têm jeito, já se separam mais de quinze vezes. Essa menina, coitada, vê tudo isso. Cada vez que eles brigam a A. (neta) vai lá para casa.”

Nesse contexto de brigas e desavenças, os pais da sra. A.P. mostraram vontade de ficar com neta.

Diante dessa situação, a intervenção do caso foi conjunta com os estagiária de Serviço Social e os estagiários de Direito.

Assim, foi repassado para os pais da sra. A.P. o que o casal havia decidido, mas o pai dela não aceitou ficar com a menina, sem ficar também com

sua guarda. Ele disse: "... Aí, eu não aceito, eu só aceito ficar com a menina se a guarda ficar comigo".

O medo do avô da criança é de que, uma vez seu genro estando com a guarda, tirasse a menina de sua casa; caso ela ficasse com o avô, este teria controle sobre ela.

A mãe da sra. A.P. disse: "A gente não queria isso, nós queríamos é que os pais cuidassem da menina".

A sra. A.P. afirmava que não aceitava passar a guarda da sua filha para seu marido, para que a pequena acabasse sendo criada por uma pessoa estranha. O pai dela não cedia no acordo para que ele apenas cuidasse da neta e a guarda ficasse com o genro. Assim, o sr. J.L., ficando sem alternativa, acabou cedendo e passando a guarda para os avós maternos.

Em todo o momento o sr. J.L. demonstrou um carinho muito grande pela filha; tanto que, quando foi decidir os dias de suas visitas a ela, pediu para colocar no processo que ele iria visitá-la diariamente.

O comentário final dos pais da sra. A.P.:

... Eu só quero ver até quando esses dois vão ficar separados. Eles não se agüentam. O J.L. já teve vezes de ir lá em casa e chorar igual uma criança, pedindo pelo amor de Deus pela A.. Aí, ele vai atrás dela e promete o cigarro e outras coisas que ela gosta e ela volta. Eu só vou ver até quando vai durar.

Atualmente, por meio de contatos com a sra. A.P., e por intermédio do estagiário da equipe de Direito responsável pelo processo, temos a informação de que o casal, apesar do processo, continua vivendo na mesma casa.

O encaminhamento da petição solicitando a dissolução da sociedade de fato e a passagem da guarda para os pais da sra. A.P. já foi para juízo, mas ainda não houve reposta. A menina, no entanto, já está vivendo com os avós desde de julho de 1996, e até agora não houve separação de corpos do casal. Segundo a sra. A.P., eles estão com dificuldades de vender a casa; depois disso irão dividir o dinheiro e cada um vai seguir seu caminho.

4.1.6 O lazer na vida do casal

No decorrer das entrevistas observou-se que o casal não tinha vida social compartilhada. Cada cônjuge se divertia nos finais de semana individualmente, devido ao acordo feito entre eles, segundo o qual cada um poderia sair alternadamente, sozinho.

Durante o casamento, a sra. A.P. sempre esteve acompanhada por algum namorado novo. Ficou evidenciado que, em todo processo de atendimento, ela teve cinco namorados, e com cada um deles, desde do início, já pensava em sair de casa e deixar a filha ou com seus pais, ou com o marido. Todos os seus relacionamentos duravam em média dois meses, porque ou o seu companheiro

interferia no caso, ou os namorados terminavam com ela. A sra. A.P. falou sobre seu namorado:

Nós se conhecemos faz uns dois meses, eu conheci ele através do outro M. (namorado), primeiro a gente só ficou falando por telefone, mais ou menos um mês, depois nós marcamos um encontro e estamos até hoje, e nós decidimos que vamos morar juntos.

É importante destacar que dois dos namorados da sra. A.P. eram casados, o que dificultava as decisões dela e deles. Ela chegou a conversar com a esposa de um deles para resolver a situação. Ela nos disse:

... Um dia eu e ela tivemos ma conversa séria sobre o M. (namorado), aí nós decidimos assim, se o M.(namorado) me escolhesse, ela não ia se meter, e se o M.(namorado) escolhesse ela, eu não ia atrapalhar o caminho dela. Mas, ela não cumpriu o nosso acordo, porque o M.(namorado) me escolheu, e ela não quis aceitar a separação.

Nesse contexto a sra. A.P., desmotivada pelo casamento, vivenciava freqüentemente outros relacionamentos e os assumia. O fato de os namorados serem casados para ela não era considerado importante; tanto que o último deles, que conhecemos, propôs-lhe ficar com ela e a esposa, e ela aceitou, mas posteriormente o namorado voltou atrás e preferiu ficar com a esposa.

O sr. J.L. em nenhum momento das entrevistas afirmou ter assumido algum relacionamento fora do casamento. Ele nada mencionava sobre suas diversões; estava sempre preocupado com os cuidados da filha. Em relação às

diversões da esposa dizia que ela tinha essas atitudes porque ainda não havia aproveitado a vida.

4.2 Casal B (E.S. e J.S.)

4.2.1 O pedido de separação

O caso relatado a seguir envolve o casal J.S. e E.S. O sr. J.S. veio até o EMAJ requerer a separação conjugal, por não suportar mais a situação de brigas e desentendimentos com a esposa. Depois de passar pelo setor de triagem, o caso nos foi encaminhado. A angústia dele nos foi assim relatada: “Todo dia quando eu chego em casa E.S. já começa a brigar”.

A situação de crise familiar do casal, no entanto, começou quando o sr. J.S. traiu sua mulher com a empregada, e desde então o casamento agravou-se. Assim ele disse: “... Em 1992 eu tive um caso com a minha empregada e ela engravidou. E depois disso tudo desandou [...] A minha mulher mudou completamente comigo, ficou fria comigo e aí começaram as brigas”.

Diante dessa situação se estabeleceu o conflito da família

4.2.2 O início da relação

O sr. J.S. e a sra. E.S. namoraram durante um ano e meio. Nessa época tinham dezenove anos, mas se casaram com vinte e dois.

Os primeiros cinco anos de relacionamento, segundo eles, foram maravilhosos, porque, desde as decisões mais rotineiras até as mais importantes eram tomadas com o consentimento de ambos. A renda mensal era fator preponderante, pois significava a concretização do projeto de vida do casal. O sr. J.S. dá a sua opinião sobre o papel do homem na família:

... Ah! Eu acho que é botar comida em casa, satisfazer as necessidades da mulher, porque eu dou todo o meu salário no final do mês para a E.S., qual o homem que faz isso hoje [...]? [...] Eu dou toda assistência à ela. E não querendo me achar, mas encontrar um homem como eu, hoje em dia, é difícil.

A sra. E.S. avaliou seu relacionamento no início: “A gente começou numa boa, vivemos cinco anos sem filho...”

4.2.3 O relacionamento conjugal

Ficou evidente, no transcorrer das entrevistas, que o casal no início da união teve momentos harmoniosos. Depois de seis anos de casados, no entanto, o marido começou a se sentir insatisfeito com o casamento. Ele disse: “Eu dizia

para E.S. tu não tá me dando valor, então eu vou encontrar lá fora. Eu falei que tá cheio de mulher querendo o marido que ela tem. Daí eu fui”.

A entrada de uma terceira pessoa no relacionamento fez com que este se desestruturasse, segundo a sra. E.S.:

... É, aí aconteceu o que acontece com todo mundo. Ele engravidou a menina que trabalhava lá em casa. Mas, a gente conversou e resolvemos ficar juntos, mas nesse período ele passou a ficar muito desconfiado comigo, porque na hora da raiva, quando nós estávamos brigando, eu falei que um dia eu iria pagar na mesma moeda.

O fato de a sra. E.S. ter ameaçado o esposo na hora da briga fez com que ele ficasse muito preocupado, pois para ele tudo iria voltar ao normal, pois sua esposa lhe havia prometido perdão. Então ele analisou a sua vida conjugal:

Foi desde 1992 que o relacionamento acabou, não tinha mais diálogo, ela ficou fria na cama, qualquer coisa ela me dava patada. Eu fiz do meu casamento um inferno, eu me culpo. Mas eu fazia tudo por ela, e ela falava mau de min para todo mundo. E aquilo me revoltava.

Em relação ao motivo traição, o sr. J.S. não apresentou justificativa. Segundo ele, “A carne foi fraca, eu não consegui resistir [...] na verdade eu acho que eu e minha mulher não nos dávamos bem na cama. Também não sei se é isso, de repente eu me achava o bom e podia ser o ruim”.

Para a sra. E.S., descobrir a traição de seu marido foi muito doloroso, pois ficou sabendo do caso por meio da esposa do compadre do esposo, que

contou porque não gostava dela. Foi num domingo; a sr. E.S. saiu com o filho, não avisou nada ao marido e foi à procura da “outra”. A sra. E.S. agrediu a “outra” e as duas brigaram, cortaram-se e ficaram ensangüentadas. A polícia foi chamada e depois foi buscar o sr. J.S. em casa. Na delegacia houve muita discussão e a sra. E.S. pediu que fizessem investigação de paternidade em relação ao filho da outra, porque não queria acreditar que o seu marido tivesse um filho com outra mulher. O sr. J.S. falou sobre a consequência dos fatos: “... Agora não é a mesma coisa, qualquer coisa é motivo de briga. Eu vivo meio desconfiado, porque ela falou que iria me perdoar, mas um dia ia me pagar na mesma moeda”.

O diálogo entre o casal foi ficando dia-a-dia mais difícil, devido à mágoa da traição por parte da esposa e, ainda, pelo fato de o sr. J.S., tem um jeito brincalhão. Contou que muitas vezes a sua esposa procurava conversar com ele, mas daí ele já começava a falar umas “quatro ou cinco besteiras”.

Às vezes eu acho que a E. escolhe horas erradas para conversar, eu acho que ela já faz de propósito, porque eu adoro jogo de futebol, aí eu tô lá vendo o jogo, aí ela vem fala, fala e eu tô vidrado no jogo, nem tô escutando o que ela está falando, aí depois de um tempo eu pergunto o que ela está falando mesmo, daí ela fica brava e diz que não vai mais falar comigo. Eu não tenho saco para sentar e conversar.

Outra questão de que o sr. J.S. reclamou é das atitudes da sua esposa pois, segundo disse, ela não demonstra mais carinho por ele, só com as outras

pessoas. A sra. E.S. nos afirmou que o problema deles não está resolvido, e enquanto tudo não voltar ao normal, ela não consegue expressar seus sentimentos ao marido.

O sr. J.S. falou que, por causa dessa situação, sua esposa não estava mais se preocupando com as atividades domésticas. Ele relatou:

... Outra coisa em mim, é que eu tenho mania de limpeza. E ultimamente ela não estava dando muito bola para a casa. Mas eu estou sempre lavando louça, passar pano no casa sempre fiz, e a E. também, mas ela não estava nem aí em deixar louça suja na pia.

Outro elemento que surgiu no lar, decorrente dos problemas do casal, foi a agressão. A sra. E.S., não suportando mais o problema da traição do marido, resolveu no ano passado (agosto 1995) ir em busca de um advogado para eles se separarem. Quando ela chegou a casa com a carta para o sr. J.S. comparecer ao Fórum, então ele quase a matou; tanto, que ela teve que ir para a UTI do Hospital Universitário. Ele machucou o corpo inteiro dela, quebrou-lhe o nariz e feriu-a em vários outros lugares. O sr. J.S. disse que teve essa atitude porque não admitiu que sua esposa quisesse se separar dele. Ela deu queixa na Delegacia da Mulher e lá seu marido foi indiciado.

As agressões, no entanto, não terminaram, pois o sr. J.S. confessou que uma vez arrancou a porta do guarda-roupa, com um empurrão que deu na esposa. Em relação à questão da agressão, a sra. E.S. dá o seguinte depoimento:

“Para min bateu levou (risadas) [...]claro que se ele tentar me bater eu também vou bater.”

Mesmo com a situação conflitante, a sra. E.S não desejava se separar do seu marido, mas também não queria que ele ficasse com ela por pena. E, segundo ela, caso eles se separassem ela faria questão de que seu marido continuasse vendo o filho, porque ela sabe que o pai adora o filho. “Só que ele vai ter que provar que as coisas vão funcionar, não adianta só dizer que quer ficar comigo, o que eu quero é que ele tome uma resolução sozinho sem pressão. Pois não adianta mais eu falar, ele diz que eu tô sendo autoritária”.

Após esses conflitos referentes a traição, violência, falta de diálogo e sexo, instaurou-se um momento difícil para o Sr. J.S., porque sua esposa quer saber se eles vão ou não se separar, e ele se mostrava indeciso a respeito, não sabia que atitude tomar. Ao mesmo tempo em que o sr. J.S. desejava liberdade, também desejava ficar com sua família. E, segundo ele, a esposa é autoritária em suas atitudes; é sempre ela que queria dar as regras do jogo, e ele não gostava da situação.

Assim, não sabendo que caminho tomar, mas pensando que a separação seria a melhor solução, ele começou a se relacionar com uma velha amiga sua. A sra. E.S., entretanto, descobriu isso por meio da irmã dele, que ainda contou à cunhada que os cinco dias que o sr. J.S. tinha dito que iria dormir no hotel, para “espairecer”, ele dormiu na casa da “outra”.

Sobre esse segundo episódio a sra. E.S. não se preocupou muito; ela comentou que ele teria que decidir com quem ficaria. Segundo ela, a “outra” só tinha a ganhar com ele, porque é separada e tem um filho, e só estava pensando no que o sr. J.S. poderia proporcionar-lhe. A sra. E.S. falou sobre o motivo de ele ter procurado a outra: “... Surgiu esse caso passageiro da guria, eu não esperava, mas era porque eu não fazia amor”.

Felizmente o sr. J.S. percebeu que esse caso passageiro não seria a melhor solução para seus problemas, pois percebeu que a “outra” não gostava dele, mas sim pensava nos benefícios que ele lhe poderia proporcionar. O sr. J.S. se justificou dizendo: “... Para min eu já estava com a separação encaminhada e por isso eu já tinha outra pessoa, que por sinal era muito querida”.

Então o sr. J.S. resolveu apostar realmente no seu casamento e deixar o passado para trás. Para isso, no entanto, sua esposa teria que confiar plenamente nele, e também teria que mudar suas atitudes para com ele. Segundo ele: “Ela trabalha, né, daí chega em casa e tem o filho, o marido, e ela não me trata com mais carinho, não me dá mais atenção como era antes”.

A sra. E.S. resolveu também lutar pelo seu casamento, deixando as mágoas de lado; começou a repensar as suas atitudes e procurou tentar mudar no que o seu marido deseja. Assim, ela disse:

... as duas primeiras semanas foram ótimas, foi muito bom, fiz amor com ele todos os dias, ele não tem o que reclamar. Só que do meu ponto de vista ela não

sabe ser autoritário quando deve. Mas, o problema maior entre nós, é o da “cama,” eu não sei se esse problema está em mim ou nele.

Segundo a sra. E.S. o seu trabalho a esgota muito, pois ela se levanta às seis da manhã, trabalha o dia todo e, quando chega em casa, ainda faz fisioterapia no L. (filho) por uma hora e meia. Depois é que ela janta e, quando ela vai dormir, já está muito cansada. O Sr. J.S., no entanto, queria que todas as noites sua esposa estivesse disposta a manter relações com ele; esse fator é uma das causas evidentes da busca dele por outras mulheres. O sr. J.S. deu sua opinião sobre o relacionamento sexual: “É como ela falou, ela sai às seis da manhã, chega às seis da tarde, faz fisioterapia no L., aí chega na cama ela não quer, aí outro dia ela não quer, se eu não falo nada ela nunca quer”.

O sr. J.S. disse que, no seu pensamento, no casamento dele “falta diálogo”. E para Sra. E.S. os principais problemas do casamento são o L. e a “cama”.

Nesse contexto o casal procurou reconciliar-se mais uma vez, pois amor na relação havia, o que faltava eram alguns elementos para eles combinarem-se e compreenderem.

4.2.4 O filho na vida do casal

Desde do início do casamento, tanto o sr. J.S. como a sra. E.S. não pensavam em ter filhos. Passaram-se cinco anos de casados, no entanto, e a família dele começou a pressionar o casal, que, assim resolveu ter um filho.

Quando o menino estava completando quase um ano, descobriram que ele tinha paralisia motora do lado direito, pois ele começou a apresentar dificuldades de andar e falar. Desde que eles souberam disso levaram-no ao médico e começaram o tratamento recomendado. Os médicos orientaram para que o menino tivesse fisioterapia todos os dias, no mínimo por uma hora e meia. Como o casal não tinha condições de pagar pelo tratamento, a sra. E.S ficou responsável por fazê-lo. Ela disse que, depois que ela começou a fazer fisioterapia no menino, as brigas e as discussões aumentaram, por causa dele.

Assim ela relatou:

O J. não entende que eu tenho que ser rígida muitas vezes com o L. e também ficar à disposição dele depois que eu chego do serviço, no mínimo uma hora e meia. Ele sempre fala que eu não dou atenção para ele, mas o meu filho precisa de ordem, os médicos mesmos já orientaram.

A sra. E.S. reclamou que o esposo não entendia a importância do tratamento, apesar dos resultados positivos que tanto os médicos quanto o sr. J.S. já perceberam:

Ele é bem mais mole e calmo para falar com o L., e faz tudo que o menino quer, quando ele reclama que está cansado, porque fica o dia todo no jardim, o J. aceita e não faz ele praticar os exercícios e eu já dou ordem ele reclama do jeito que eu falo com o L., ele acha que eu sou autoritária.

Nesse contexto o Sr. J.S. deu a sua opinião:

Eu não posso reclamar, a E. faz fisioterapia todos os dias [...] só que às vezes ela é grossa também. Teve um dia que eu estava em casa com L., esquentando a comida para ele comer, quando a E. chegou e já gritou com o menino para ele pegar a lata de Neston para ele fazer os exercícios, eu disse que ele não ia, porque ele ia jantar. Aí, nós já começamos a discutir. Eu não gosto que o L. fique vendo essas discussões, ele é muito pequeno.

Segundo o sr. J.S., seu filho reage com nervosismo diante da situação de brigas e desentendimentos e sofre muito e chora.

“Quando ele vê eu e a E. brigando ele começa a bater ou em mim ou nela, depende de quem ele acha que tem razão”.

É nessa situação que se estabelece a relação do filho na dinâmica do casal. A mãe, de um lado sendo autoritária e rigorosa no tratamento do menino, e o pai fazendo o contrário, não dando a importância devida ao tratamento e agindo com passividade na educação do filho.

Os médicos, eles já explicaram para o J. a importância do tratamento, é que a criança” é o L. e não o J., e isso ele tem que entender e colaborar.

Eu não sei bater no meu filho não consigo dizer não, e se eu digo volto atrás, eu adoro ele.

O J. reclama que eu não dou atenção para ele, mas primeiro eu tenho que pensar no L.

Assim, o sr. J.S. procura de várias formas chamar a atenção de sua esposa, mas ela não entende que ele também precisa de carinho. Evidencia-se que a sra. E.S. passa a se dedicar integralmente a seu filho, deixando de lado o marido e quase anulando o espaço deste, no lar.

O esposo, por sua vez, sentindo-se rejeitado tanto na rotina do lar, quanto no relacionamento sexual, buscou suprir suas necessidades afetivas e sexuais por meio de um relacionamento extra-conjugal com sua empregada.

4.2.5 A relação do casal com a família origem

A relação da família da sr. E.S. nunca foi comentada, mas já a do sr. J.S. exerce uma interferência nas atitudes dele. Tanto que, diante da situação agravante de seu relacionamento conjugal, sua família orientou-o para que ele optasse pela separação.

A minha família inteira quer que eu me separe dela, eles dizem que como eu posso agüentar tanto tempo. A E. não se dá com ninguém, até com o meu pai que ela gostava, ele também hoje já até me deu conselhos para eu me separar. O meu pai sempre tratou ela como uma filha e agora só um irmão meu que ela conversa e gosta.

Segundo relata a sra. E.S., a família dele não gosta dela, porque acha que ela manda nele e ele faz tudo o que ela quer. Outro fator de atrito são as

fofocas entre a família, o que ela detesta; elas fizeram o marido se afastar de seus familiares.

Agora, tentando estruturar o seu relacionamento, a sra. E.S. está procurando voltar a falar com a família dele pois, para o sr. J.S., sua família é muito importante. A sra. E.S. chegou até a ir a uma festa do sobrinho de seu marido. Este disse: “Está tudo bem agora, no dia das mães, eu e a E. e o meu filho vamos para a casa dos meus pais, eu acho que vai ser bom, eu vou ficar observando ela”.

Um fator interessante nessa questão toda é que o sr. J.S. se identifica muito com a figura do pai, como diz: “Eu sou igual ao meu pai, calmo brincalhão, desligado das coisas”.

4.2.6 O lazer na vida do casal

No transcorrer das entrevistas com o casal percebeu-se que os cônjuges algumas vezes discutiam sobre as diversões do marido, sem a esposa, fato que ele não admitia. Não lhe era difícil omiti-las, pois ele exerce a profissão de garçom de um hotel, e do serviço lá mesmo às vezes saía com os amigos. A esposa relatou:

Ele sair à tarde tudo bem, só que à noite ele pode até ter vontade, só que ele fez uma opção de vida, casar e ter uma família. Como se eu não soubesse que sempre

tem uma mulher no meio, pois eles trabalham como garçom, e tem as garçonetes lá do hotel. É obvio que sai todo mundo junto.

A sra. E.S. disse que o casal fez um acordo; no verão ela vai à tarde para praia, sozinha com o filho, e o sr. J.S. vai jogar futebol. Ele não vai à praia porque não gosta. Para ela, o marido sair à tarde, não há problema nenhum, mas ir a baile à noite sozinho é outra coisa. “Eu entendo o lado dele, eles trabalham com um pessoal novo, o J. aparenta ser novo, só que as responsabilidades são diferentes. Os amigos ficam botando fogo. Sabe o que é, quando a gente sai e percebe os olhares deles”.

A sra. E.S. disse que em um final de semana houve uma festa na casa do patrão do marido e ele queria ir sozinho. Ela, porém, não aceitou e ele teve que levá-la; O amigo dele também acabou levando a esposa, e na festa os homens chegaram a comentar que, se as mulheres não tivessem ido, o final da festa seria diferente. A sra. disse: “É, porque esposa numa hora dessa só atrapalha. Se ele tá afim de curtir a vida eu também vou, só que mais tarde depois de um ano não adianta olhar para trás e se arrepender, querendo voltar como era”.

CAPÍTULO 3

OS IMPASSES DO HOMEM NA PATERNIDADE E NA CONJUGALIDADE

1 INTRODUÇÃO

De acordo com a proposta do trabalho, tentaremos neste capítulo realizar a análise dos dois casos estudados, com base no estudo teórico do primeiro capítulo. O objetivo é observar os homens no contexto da conjugalidade e da relação pai-filho, a partir da dinâmica do casal.

Nesse sentido, iremos deter-nos em alguns dos aspectos significativos do papel masculino, tendo em conta os aspectos culturais da sociedade, enfocando dentre eles homem forte/fraco; as alianças estabelecidas tanto para confirmar como desconfirmar a posição do pai; e os mecanismos utilizados pelos homens, para dominação: violência e traição.

2 A CONJUGALIDADE

Como já afirmamos, a relação homem-mulher é marcada culturalmente por várias mudanças que se refletem significativamente na dinâmica do casal.

Desde cedo os casais pensam num ideal de casamento, no sonho de viverem juntos até que a morte os separe. Esse encantamento inicial vem de encontro com o passado de cada cônjuge.

No momento que em que os parceiros decidem se casar ou morar juntos, passam a depositar expectativas, desejos e sonhos um no outro e, ao mesmo tempo, assumem direitos, obrigações e deveres entre si. A relação homem-mulher é sempre permeada tanto por fatores positivos como negativos, em que existem momentos de tristezas de alegrias.

Segundo LAMANNO (1993, p. 149), “O relacionamento conjugal é uma manifestação específica e efetiva, ao nível social, da capacidade de conjugar do indivíduo com o intuito de criar algo novo, podendo ser examinado sob diferentes perspectivas”.

Para que ocorra a conjugalidade, entretanto, os papéis devem ser desempenhados a partir do cotidiano do casal e de cada cônjuge. A sua dinâmica e seus papéis vão estar condicionados às influências do meio social em que vivem (SCHNEIDER, 1995).

Ao analisarmos o homem na relação conjugal dos casos estudados, verificamos que um aspecto que se mostrou significativo foi a contradição do papel masculino na conjugalidade; ou seja, no convívio conjugal observam-se momentos em que o homem aparece, ou quer aparecer, como uma figura forte, conforme a imagem tradicional, pela qual o homem é o detentor do poder. Em

outros momentos aparece como uma figura frágil, mostrando-se inseguro em relação ao seu papel e “dependente” de sua companheira.

Observamos que os homens dos casos estudados - o sr.J.L.(casal A) e o sr.J.S (casal B) – passaram por momentos conflituosos que envolveram os seus valores e princípios.

Pelas histórias relatadas, verificou-se que os dois casais reconhecem o início da vida conjugal como positivo, mas posteriormente destacaram dificuldades surgidas e que foram determinantes no estabelecimento da dinâmica conjugal. Nesse contexto aparecem sérios confrontos, que se manifestaram de várias maneiras.

Como vimos, existe uma diferença de idade entre o casal A. Quando se uniram, o sr. J.L. encontrava-se com vinte oito anos de idade, e com experiência de vida , segundo ele, e sua parceira com quinze anos de idade, uma adolescente. Ele disse: “...eu saí de casa quando eu tinha quatorze anos, já passei por tudo nessa vida, trabalhei muito para me sustentar, hoje eu até poderia ser um drogado, tive oportunidade, mas não quis, aprontei muito.”

Para o sr. J.L. essa diferença de idade e a sua experiência de vida lhe davam mais condições de administrar a vida conjugal e os cuidados da filha. O domínio da situação que ele imaginava que poderia ter, no entanto, era somente superficial, pois observamos que, no decorrer do convívio com sua parceira, ele não conseguiu estabelecer um relacionamento conjugal satisfatório.

Segundo NOLASCO (1995, p. 112),

A dificuldade que um homem encontra para entregar-se afetivamente retrata um identidade construída sobre a dúvida a respeito de quem é. Os afetos são para um homem os riscos de exacerbar ainda mais esta questão, e os homens, em vez de respondê-la, tendem a passar o tempo buscando provar que podem cumprir a expectativa que hoje paira sobre o seu papel social, e se sentirão homens por isso.

Sendo assim, o afeto que o sr. J.L. procurou demonstrar à esposa não foi suficiente, porque ele não conseguiu responder às expectativas dela e cumprir-lhe as expectativas. Nesse sentido, houve um desencontro dos desejos e sonhos de ambos os cônjuges.

Em relação ao cotidiano do casal A, o sr. J.L. desempenhava o papel de dominador em algumas situações. Essas questões ficaram evidentes quando ele acusava e desqualificava a sua parceira, em função de a sra. A.P. não dar importância às atividades domésticas e aos cuidados da filha. Para ele, cabia à parceira essas responsabilidades do lar, sentindo-se ele no direito de colaborar nas atividades, de acordo com sua vontade. Sobre essa questão ele diz: “Na verdade a responsabilidade é dela, mas eu também lavo louça, varro a casa, troco a menina, mais vai depender da minha vontade.”

Nesse sentido, percebemos por meio dos relatos do sr. J.L., que ao mesmo tempo em que ele acusava a esposa e discutia com ela sobre suas obrigações do lar, ele também assumia essas funções.

Outra questão que o envolve , é o fato de que sua parceira procurou separar-se dele saindo de casa; ele no entanto não conseguiu ficar longe dela e da filha. Para ele, estar com as duas era muito importante e por isso acabava aceitando as condições impostas pela sra. A.P., para dar continuidade ao relacionamento, mesmo eles não vivendo maritalmente.

Nesse contexto, observamos que o sr. J.L. vivenciou um confronto de valores que estão relacionados à características do casamento tradicional e moderno. Ao mesmo tempo em que ele faz as tarefas domésticas, diz que não é sua obrigação fazê-las. Também para ele em muitos momentos a aceitação do comportamento de sua mulher era extremamente difícil, por aquilo que os outros poderiam dizer.

Como vimos, no transcorrer das entrevistas, o sr. J.S.(casal B) afirmava que desempenhava muito bem o seu papel de homem no casamento, pois, segundo ele, nunca deixou faltar nada em casa e sempre satisfaz as necessidades de sua esposa; além disso, dava todo seu salário no final do mês para ela.

Em função da paralisia motora sofrida pelo filho do casal, no entanto, a sra. E.S. passou a dedicar algumas horas do dia para L. Em função disso, o marido começou a sentir-se excluído da dinâmica familiar, porque antes as atenções da esposa eram voltadas somente para ele e, com a chegada do filho, o sr. J.S passou a dividir quase que totalmente a sua esposa com seu filho. O Sr.

J.S. se queixava dizendo: “Ela trabalha né, daí chega em casa e tem o filho, o marido, e ela não me trata mais com carinho, não me dá mais atenção como era antes”.

As queixas do sr. J.S. revelam que seu relacionamento conjugal não estava correspondendo as suas necessidades. Foi possível observamos que ele estava passando por um momento de insegurança e incertezas no seu casamento. Nesse sentido, para resolver seu problema conjugal, primeiramente o sr. J.S. se debateu entre a sua fragilidade e seu poder. E, posteriormente, recorreu ao mecanismo da traição e violência, por isso ser considerado, culturalmente, como símbolo de poder e ou *status* (GOLDENBERG, 1995).

Frente ao exposto, o sr. J.S. procurou como alternativa para suprir suas carências um relacionamento extra-conjugal.

De acordo com NOLASCO (1995, p.140-141),

Desta forma, é interessante pensarmos a *traição* como um mecanismo de repetição por meio do qual o inconsciente dos homens se manifesta, assegurado, com um comportamento “aceito” pela cultura do Ocidente, o acesso a um sentimento de posse de si mesmo que se desenha fora das guardas de uma “mulher opressora”.

Diante dessas circunstâncias, o sr. J.S. sentiu-se culpado pela traição, e atribuiu o fracasso e as frustrações da sua vida conjugal a ele próprio. Ele disse: “... Foi desde 1992 que o relacionamento acabou, não tinha mais diálogo, ela ficou fria na cama, qualquer coisa ele me dava patada. Eu fiz do meu casamento

um inferno, eu me culpo. Mas eu fazia tudo por ela, ela falava mau de mim para todo mundo.”

Um fator muito importante a ser destacado é que, no momento das discussões e brigas do casal B, sobre a questão da traição, a sra. E.S. mencionou uma frase que fez o sr. J.S. ficar preocupado. Segundo ele: “Ela me disse que iria me perdoar, só que um dia ela iria pagar na mesma moeda”.

Nesse sentido, o sr. J.S. cada vez sentia-se mais incapaz, inseguro e frágil diante das acusações e cobranças de sua esposa. Assim, o relacionamento conjugal, ao invés de assumir um fator de construção, entre os cônjuges, passou a ser fator de desconstrução, com brigas, falta de diálogo, amor, sexo e compreensão.

Observamos que essa situação contribuiu para que no lar se instaurasse a violência na relação. Algumas vezes o sr. J.S. agiu no sentido de dominar e oprimir as atitudes da esposa, fato que ficou evidente quando ela buscou a separação conjugal no Fórum, e o sr. J.S., não aceitando tal situação, violentou-a ponto de ela se internar num hospital. O marido não admitiu a opção e a atitude da esposa, pois segundo ele próprio, cabia a ele tomar essa decisão.

Para KNABBEN (1992, p. 40), “A violência física é a expressão máxima de agressão e dominação do homem sobre a mulher, sustentada pela força muscular do mesmo”. Nessa direção, queremos levantar a hipótese de que a violência pode ser a expressão de um sentimento de grande fragilidade. E foi a

partir do pedido de separação conjugal, nos casos estudados, que pudemos ter acesso a essa dinâmica das vivências masculinas.

O momento da separação foi apresentado pelos cônjuges como revelador dos seus fracassos, incompetência e inseguranças que permeiam a vida de cada um e do casal.

Dentro desse contexto, é possível pensarmos que os homens hoje estão passando por grandes mudanças. Anteriormente não era permitido aos homens que colocassem seus sentimentos, que chorassem, ou assumissem que são fracos em determinadas situações ao menos, havia preconceito e discriminação em relação aos que desejassem assumir essas atitudes.

A respeito, CORNEAU (1995, p. 47) afirma: “Ser homem significa ser capaz de cometer violência contra seus próprios sentimentos, contra suas próprias emoções, contra seu próprio corpo - ser capaz de esquecer que se tem um coração e um corpo”.

Nesse sentido, o homem que releva tais atitudes como virilidade, competição e poder está entrando num grande conflito consigo mesmo, porque ele sabe que possui defeitos, fraquezas e só não os assume perante a sociedade.

Esse “NOVO HOMEM”, essa nova atmosfera é ainda uma possibilidade que está sendo construída ao longo da história da humanidade.

3 A PATERNIDADE

A paternidade, como a maternidade, implica uma reestruturação tanto da vida do homem, como da mulher, pois, com a chegada do filho ao convívio familiar o casal passará por momentos de instabilidade na própria dinâmica conjugal. Ser pai e ser mãe, porém, é a primeira característica da existência de um novo contexto e de uma condição definitiva que irá marcar toda a vida do casal. O vínculo que se estabelece entre esse triângulo pai-mãe-filho é inegável, tanto a nível biológico quanto em relação a outros tipos de vínculos (MIOTO, 1989).

Nesse sentido, o nascimento do primeiro filho se caracteriza como um momento significativo na estrutura do casal. É a partir do filho que os pais terão que começar a desempenhar papéis exigidos pelo bebê, tanto quanto pela própria sociedade, que impõe certos modelos. O casal que não está preparado para receber tal tarefa, entretanto, passa por uma experiência negativa e não positiva.

Como sabemos, a figura paterna é considerada essencial na educação do filho e no convívio com ele. Essa figura traz consigo o peso cultural de seu papel na família; o pai sempre foi visto segundo o modelo de pai autoritário, poderoso e provedor do lar e não como uma pessoa que pode exprimir seus sentimentos a seus filhos, atitude que repercutia na falta de contatos entre pais e filhos.

Contrário a essa situação, BADINTER (1993, p. 172) afirma:

De um modo geral, os pais que se envolvem ativamente nos cuidados e na educação do filhos se dizem mais felizes com sua paternidade do que os poucos envolvidos. Deve-se ainda observar que a satisfação paternal depende estreitamente da liberdade de escolha.

Como vimos, nos casos estudados a paternidade foi vivida de forma diferente pelos dois casais, devido principalmente ao fato de as dinâmicas conjugais serem diferenciadas.

Para o sr. J.L., o “ser pai” foi um fator muito importante, apesar de não ter, em princípio escolhido essa condição, como o relatou a família da sra. A.P.. No momento, porém, em que o casal acatou a decisão de ter um filho, o sr. J.L. assumiu a paternidade com muita satisfação. Tanto que era ele quem sempre se mostrava preocupado em todos os momentos com o cuidado, o bem-estar e o futuro da filha. Ele disse: “...Eu penso num bom futuro para minha filha, eu quero que ela estude, quero que ela tenha uma carreira e não seja igual à gente. Eu quero dar o que eu puder para ela, mas a A. nem pensa nisso.”

Diante de seus relatos, percebemos o quanto ele estava feliz com a filha a seu lado. Outro fator importante que observamos foi que das três entrevistas que a A. (filha), compareceu no EMAJ, era sempre o pai que estava cuidando dela. E ele também só veio em busca do atendimento jurídico porque a guarda da sua filha estava em jogo.

Nesse contexto, como vimos, o sr. J.L. brigou e discutiu muito com a mulher, para ficar com a guarda da filha; segundo ele, poderia proporcionar-lhe uma vida melhor. Ele disse: “Eu dou tudo de bom para A. (filha), sempre levo pra casa iogurte, bala, bolacha, essas coisas que criança gosta. Eu sei, que se A. (Filha) ficasse com a A. ela não ia poder dar as coisas como eu dou”.

Mesmo ele, no entanto, tendo buscado constantemente a guarda da filha, está não foi concedida a ele, devido ao acordo feito com os sogros.

A atitude do sr. J.L. sempre pautada principalmente pela pressão que a parceira e os sogros exerceram sobre ele, deixando-o sem saída, quanto à guarda de A. Conforme observamos, a esposa não concordava que ele contratasse uma pessoa para cuidar da filha, e sogros não aceitavam ficar com neta somente por um período. Essa situação levou-o a abdicar da guarda da menina.

Segundo ALONSO e REZENDE (1996, p. 17), “Estes homens vivem dentro de um contexto sócio cultural em que este ângulo do papel paterno ainda não é, de uma forma geral, reconhecido e praticado pela maioria dos homens e nem tampouco valorizado e aceito por um grande número de mulheres”.

Nos parece, no entanto, que o sr. J.L. não estava preocupado com esses aspectos relacionados ao reconhecimento e valorização do seu papel como pai, mas com a realização pessoal e as gratificações que poderia vivenciar dentro do processo de cuidar da filha. (ALONSO e REZENDE, 1996).

Ao contrário do sr J.L., em relação ao casal B, a chegada do filho desencadeou uma situação negativa que alterou sobremaneira a dinâmica do casal.

Para MIOTO (1994, p. 130)

A chegada do bebê reatualiza os sentimentos de os cônjuges terem que partilhar as próprias mães. E a maneira como lidarão com isso no presente dependerá muito da forma como lidaram com essa no passado. Nesse sentido, podem-se prever dificuldades em aceitarem um terceira pessoa no relacionamento.

Assim observamos que foi a partir do nascimento do filho do sr. J.S. que os conflitos começaram a aparecer na dinâmica da família. E as crises conjugais aumentaram mais ainda quando sua esposa iniciou o tratamento de fisioterapia com o filho; ela tratou o problema do filho com tanta exclusividade que se esqueceu do marido. Este acabou sentindo-se anulado no convívio familiar, o que acabou resultando fatores que dificultaram ainda mais a vida do casal.

De acordo com NOLASCO (1995, p. 151-152),

A violência gerada dentro da família, pelo homem, pode ser fruto de sua incapacidade de cumprir o contexto de exigências “tão nobres”, mas tensas para quem cresceu descobrindo-se no vazio das possibilidades de encontros afetivos, com um pai que dificilmente aparecia.

Nesse contexto MONTERO (1987) destaca como relevante que muitos pais, devido a seus fracassos, conflitos externos ou conjugais desprivilegiam os

cuidados dos filhos. O autor observou, por meio de sua pesquisa com 26 grupos familiares, que em 65,4% dos casos vistos há uma associação entre o nascimento do primeiro filho e o conflito familiar. Esse fator é considerado como desencadeador de uma nova situação que está relacionada ao mais novo membro da família. O momento instável acaba gerando intolerância e dificuldades para os cônjuges enfrentarem a nova situação.

TABOCHNIK (1995) observou que, na sociedade contemporânea, está ocorrendo uma supervalorização da mulher, pois é o corpo dela que se transformará e gestará seu filho durante nove meses. Nessa situação o homem é desvalorizado tanto em relação aos cuidados do filho, como nas atividades domésticas; as mães imaginam que os homens não possuem capacidade de cuidar dos filhos. Elas também têm consciência de que os pais igualmente sentem responsabilidade sobre o filho, mas assumem sentimentos de propriedade sobre os filhos, não deixando espaço para os pais desempenharem seu papel – o que é grave, porque a figura do pai é considerada importante tanto na presença física, psicológica, moral, afetiva e educativa.

Nesse sentido, podemos observar que o sr. J.S. estava sempre sendo desvalorizado pela sua esposa, pois ela não lhe proporcionava espaço para participar das atividades referentes ao filho, passando às vezes a idéia de que ele era uma pessoa que possuía dificuldades de entender o motivo da doença do filho. A sra. E.S. falou: “O J. não entende que eu tenho que ser rígida muitas

vezes com o L. e também ficar à disposição dele depois que eu chego do serviço, no mínimo uma hora e meia. Ele sempre fala que eu não dou atenção para ele, mas o “Meu Filho” precisa de ordem, os médicos mesmos já orientaram.”

Isso demonstra que nessa relação o pai passa ser presente somente na questão física, e ausente nas atividades afetivas e educativas da criança.

Sendo assim, a paternidade tornou-se, para sr. J.S., uma experiência quase destruidora de seu casamento, pois a disputa que ocorreu entre pai-filho era justificada pela busca do amor da mãe.

Diante de situação dessa natureza GADOTTI apud MIOTO (1989, p.107) afirma que a conquista da paternidade se define “como uma relação amorosa que se constrói dialeticamente a partir de relações de unidade e oposição como o filho a crescer como homem”.

Assim, pode-se dizer que a paternidade está se moldando a cada dia, devido às mudanças que estão ocorrendo atualmente na relação conjugal, na relação pai-filho e na relação mãe-filho. Os impasses impostos para o homem, neste fim de século, não são poucos. Como vimos, em relação aos homens estudados, eles têm se defrontado cotidianamente com questões dessa natureza.

É a partir desse contexto, portanto, que podemos pensar em uma nova configuração da conjugalidade e paternidade, como o apontam alguns autores (GADOTTI, 1987; TABOCHNIK, 1995; MONTERO, 1987): os homens só resolvem suas questões após reconhecerem os seus medos, inseguranças,

fraquezas, defeitos e frustrações. Esse processo de mudança está sendo construído através do dia-a-dia de cada homem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final do presente trabalho tentaremos tecer considerações sobre o estudo realizado. Sabemos que ainda há muitas reflexões e discussões a realizar mas, diante do que foi apresentado, nós nos restringiremos a algumas questões.

Com o processo de modernização, começou a haver uma mudança profunda nos comportamentos masculino e feminino e, com isso, alterou-se a relação homem-mulher. Essas transformações implicaram sobremaneira a definição desses papéis na família.

O casamento tradicional e o moderno sofreram influências que se refletiram na dinâmica do casal. Homem e mulher começaram a revisar suas posições como esposa-marido, mãe-pai, e em relação a costumes, sonhos, expectativas, mercado de trabalho, tarefas domésticas, filhos, etc.

Diante do novo contexto, a questão da identidade masculina começou a ser discutida e refletida, pois até então a ênfase da identidade estava ligada ao gênero feminino.

O homem deste milênio está sofrendo uma transição do modelo tradicional para o modelo atual; observamos que está ocorrendo um remanejamento de características masculinas e femininas, pois no antigo modelo o homem não podia, por exemplo, expressar seus sentimentos e a sua imagem

perante a família era de poder e coragem. Atualmente essa situação está mudando e a nova forma de ser tem gerado muita insegurança nos homens. O antigo modelo ainda irá continuar como pano de fundo para se projetar o novo. Nesse sentido, existe uma busca constante, por parte das mulheres, de um homem que seja ativo, sem ser dominador: que possa expor em público seus sentimentos, sem receios de que seja chamado de fraco, e que tenha características viris, ser machista (NOLASCO, 1995).

Em síntese, o impasse que hoje se coloca para os homens não é o fato de somente estarem lavando pratos e cuidando dos filhos; hoje o que existe é um desejo para que sejam diferentes do passado.

O fato de “ser pai” nos tempos atuais traz uma nova visão que se está configurando de maneira diferente do modelo tradicional de pai; este busca assumir uma nova paternidade.

Ao observarmos os casos estudados, verificamos como são complexas as situações relacionadas aos problemas de adultério, violência, relação pais e filhos e problemas sentimentais, dentre outros.

Essas situações estão intrinsecamente relacionadas com a dinâmica do casal, sendo que as alternativas que cada um tomar dependem muito das mudanças que cada cônjuge (homem/mulher) pode empreender em relação aos seus papéis e compreender a condição do outro.

Notamos que a opção pela separação muitas vezes está ligada à frustração das expectativas e desejos que um cônjuge deposita no outro, desde o início do relacionamento conjugal, e que não se realizam. Existe uma dubiedade na expectativa da mulher em relação ao homem; ela deseja, ao mesmo tempo, um homem forte (nos moldes tradicionais) e liberal.

A partir do contato com os dois casais citados e do acompanhamento deles nos processos ligados ao EMAJ, foi possível refletir sobre os papéis de cada ser e a insegurança em relação a tais papéis, e as expectativas do novo homem/nova mulher, marcados por categorias tais como: amor, sexo, diálogo.

É importante salientar que as mudanças que estão ocorrendo no âmbito da sociedade atual se fazem presentes no cotidiano dos casais. Em muitos casos, a assistência a eles torna-se importante para que consigam se perceber como pessoas, ajudando-os a construir uma nova identidade: como homem\mulher e como casal, para que no futuro possam enfrentar de uma ou outra maneira os conflitos decorrentes desse processo.

Finalizando, considero que o presente trabalho vem ao encontro, do meu processo de formação profissional, mas sobretudo com do meu projeto pessoal de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BADINTER, E. **XY: sobre a identidade masculina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BRASIL, Constituição (1988) Constituição: República Federativa do Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1988.
- CANEVACCI, M. (Org). **Dialética da família**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- CHIZZOTTI, A. **A pesquisa em Ciências Humanas**. São Paulo: Cortez, 1991.
- CORNEAU, G. **Pais ausente filho carente**. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- _____. Paternidade e Masculinidade. In: _____. (org.) **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995. p. 43-52.
- D'INCAO, M. A. O amor e a separação. In: PORCHAT, I. **Amor, casamento, separação: a falência de um mito**. São Paulo: Brasiliense, 1992. p. 55-83.
- GADOTTI, M. **Dialética do amor paterno**. Coleções polêmicas do nosso tempo, n. 15, São Paulo: Cortez, 1987.
- GOLDANI, A. M. As famílias brasileiras: mudanças e perspectivas. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, v. 91, nov. 1994. p. 7-22.

GOLDENBERG, M. A outra: uma reflexão antropológica sobre a infidelidade masculina. In: NOLASCO, S. **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995. p.131-147.

GARFINKEL, P. **No mundo dos homens**. São Paulo: Melhoramentos, 1990.

HELLER, A. A concepção de família no estado de bem-estar social. **Serviço Social e Sociedade**, Rio de Janeiro, Cortez, n. 24, p. 5-31, 1987.

KNABBEM, J. M. **Mulher vítima de violência atendida pela 6ª Delegacia de Polícia da Capital – SC**. Florianópolis, 1992. Trabalho (Graduação em Serviço Social) – Curso de Serviço Social, Universidade Federal de Santa Catarina.

LAMANNO, V. L. C. Casamento e divórcio: um estado mental. In: PORCHAT, I. **Amor, casamento, separação**. A falência de um mito. São Paulo: Brasiliense, 1992. p. 145-165.

MEDINA, C. A. Família: ontem, hoje, amanhã. **Debates sociais**, Rio de Janeiro, v. especial, 1991. p. 13-27.

MIOTO, R. C. T. **Educação e família**. Dissertação de Mestrado, UNICAMP, 1989.

_____. **Famílias de jovens que tentam suicídio**. Tese de Doutorado, UNICAMP, 1994.

MONTERO, N. et al. Consecuencias emocionales en hos niños de los conflictos no resueltos de la pareja. **Revista Niños**, Venezuela, Caracas, v. 10, 1987. p. 31-39.

NOLASCO, S. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

_____. A desconstrução do masculino: uma contribuição crítica à análise de gênero. In: _____ (org.). **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995. p. 15-29.

PEREIRA, A. O gênero masculino na enfermagem. In: _____. **Fazendo gênero na UFSC: um encontro interdisciplinar**, Florianópolis, p. 1-7, 1996.

PORCHAT, I. Pensando a dor da separação. In: _____ (org.). **Amor, casamento, separação: a falência de um mito**. São Paulo: Brasiliense, 1992. p. 103-126.

REZENDE, A. L. M., ALONSO, I. L. K. O perfil do pai cuidador. In: _____. **Fazendo gênero na UFSC: um encontro interdisciplinar**. Florianópolis, 1996. p. 1-24.

SARTI, C. A. A família como ordem moral. **Caderno de pesquisas**, São Paulo, v. 91, p. 46-53, nov. 1994.

SCHNEIDER, V. O. **Relação e separação conjugal – analisando o processo...** Florianópolis, 1995. Trabalho (Graduação em Serviço Social) – Curso de Serviço Social, Universidade Federal de Santa Catarina.

STRAUSS, L. O problema do incesto. In: CANEVACCI, M. (Org.). **Dialética da Família**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

TABACHNIK, G. C. Previniendo la creciente desvalorización del rol paterno. In: III CONFERÊNCIA IBEROAMERICANA SOBRE LA FAMILIA. São Leopoldo, UNISINOS, 1995.

TAUBE, M. J. M. Alianças partidas ou a dor da separação nas camadas populares. In: PORCHAT, I. (Org.). **Amor, casamento, separação: a falência de um mito**. São Paulo: Brasiliense, 1992.

TRIGO, M. H. B. Amor e casamento no século XX. In: D'INCAO, M. A. **Amor e família no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1989.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- ALMEIDA, M. I. M. **Masculino/feminino: tensão insolúvel**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- D'INCAO, M. A. O amor romântico e a família burguesa. In: _____ (org.). **Amor e família no Brasil**, São Paulo: Contexto, 1989.
- ENGELS, F. A família monogâmica. In: CANEVACCI, M. (org.). **Dialética da família**, São Paulo: Brasiliense, 1981.
- HAMAWI, R. Que querem os homens? In: NOLASCO, S. (org.). **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- MACEDO, R. M. A família do ponto de vista psicológico: lugar seguro para crescer? **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, Cortez, v. 91, nov. 1994.
- MAY, J. T. A violência contra a mulher no contexto das relações conjugais. In: V SEMINÁRIO CATARINENSE DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA. (1995: Florianópolis). **Anais...** Florianópolis: UFSC, 1995.